Boca de Ouro

Nelson Rodrigues

Tragédia Carioca em Três Atos – 1959

Resumo por Helder da Rocha (helder@acm.org)

Introdução

Boca de Ouro é a história de um criminoso temido e respeitado – uma figura quase mitológica na comunidade onde vive. Boca tinha todos os dentes de ouro e acreditava que seria enterrado em um caixão todo de ouro. Diziam que ele ficava com as mulheres de homens casados e derretia suas alianças para fazer o caixão. Ele era poderoso e carismático. Mantinha o auto-controle desde que não falassem de sua mãe e de como nasceu numa pia de gafieira.

A peça de Nelson Rodrigues descreve o personagem através de três relatos diferentes, por uma ex-amante do bicheiro Boca de Ouro, D. Guigui. Os relatos refletem o seu estado emocional ao ser entrevistada. No primeiro momento, sem saber que Boca de Ouro está morto, ela o representa como um homem cruel e insensível, capaz de matar um pobre diabo, inofensivo e covarde (Leleco), para ter a sua mulher fiel (Celeste). Ao saber da morte do ex-amante, ela chora e passa a elogiar o Boca. Representa-o como um homem rigoroso que mata, mas não sem motivo, ao mesmo tempo em que repele o seu atual marido, que no passado havia deixado para ficar com Boca. Conta a mesma história mas desta vez revela uma Celeste nada fiel e um Leleco não tão inofensivo. A forma elogiosa como passara a tratar o Boca de Ouro irrita o marido e faz as malas e decide deixar a casa. Com a interferência do repórter Caveirinha, que se sente responsável pela separação, os dois se reconciliam. E D. Guigui conta então uma terceira versão da mesma história sobre Boca de Ouro, onde destaca-se não só o seu poder e crueldade, mas também as suas inseguranças.

Primeiro Ato

A peça começa com uma cena do passado, onde o Boca de Ouro (ainda não conhecido por este nome) vai ao dentista e exige que ele arranque todos os seus 32 dentes perfeitos e os substitua por dentes de ouro. O doutor inicialmente recusa-se a realizar a operação, mas depois de muita insistência e dinheiro, atende ao pedido do cliente, que já sonha com seu caixão de ouro.

Em seguida, vários anos se passam e somos levado à redação do diário "O Sol" onde recebe-se a notícia da morte do temido bicheiro Boca de Ouro. O secretário incumbe o repórter Caveirinha de entrevistar a ex-amante do Boca de Ouro, D. Guiomar (GuiGui). Ele vai com um fotógrafo. Apressa-se pois tem que chegar antes que D. Guigui descubra que o Boca de Ouro foi assassinado.

Ao chegar, o marido de D. Guigui atende a porta, desconfiado. Mas a esposa trata bem os repórteres e sente-se orgulhosa de estar sendo entrevistada. Quando o repórter revela o assunto: "Boca de Ouro" todos se assombram. Temem ser mortos pelo Boca por causa da reportagem. D. Guigui finalmente decide falar. O marido, apavorado, deixa a sala para ficar com as crianças.

Caveirinha pede que ela conte um *big* crime do Boca de Ouro e ela começa:

— Todo crime misterioso, que não se descobre o assassino, é batata! — foi o "Boca de Ouro"

E prossegue contando a história de Celeste e Leleco. Neste momento, a cena muda para a casa de um casal do subúrbio. Leleco está dormindo e Celeste tenta acordá-lo para que ele vá ao trabalho. Ele não levanta e explica que não precisa porque foi demitido, por justa causa, por causa de uma briga em defesa do Fluminense. Celeste se preocupa porque a mãe dela está para morrer e eles não têm dinheiro para o enterro.

Na cena seguinte, aparecem Boca de Ouro e D. Guigui. Leleco está querendo falar com o bicheiro. D. Guigui refere-se a Leleco como o marido da Celeste e pergunta se Boca está dando em cima da Celeste. Ela observa que

— A Celeste é dureza! E gosta do marido pra chuchu!

Os dois discutem e D. Guigui ameaça Boca. Ele está bêbado. Entra Leleco. Ele pede dinheiro emprestado para o caixão da sogra. Leleco pede dez mil cruzeiros. Boca propõe dar a Leleco cem mil cruzeiros. Leleco acha muito, mas no final aceita. Ele não precisa gastar tudo com o enterro. Mas Boca só aceita pagar se a mulher de Leleco, Celeste, vier pegar o dinheiro. Depois de alguma hesitação, Leleco liga para a mulher e ela vem. Entra e Boca faz a mesma proposta. Leleco fica do lado de fora. Em um certo momento, Boca tenta agarrar Celeste à força e beijá-la no peito. Ela grita. Leleco vem ao seu encontro. Eles se abraçam. Querem ir embora. Boca torna-se ameaçador. Diz que ninguém sai. Ordena que Leleco, se quiser viver, mande sua mulher entrar no quarto. Ele obedece. Boca o expulsa. Antes de sair ele ameaça:

— Seu miserável! Tenho a sua ficha. Tu nasceu numa pia de gafieira!

Intolerante com qualquer crítica à sua mãe, Boca de Ouro atinge Leleco mortalmente no rosto com a coronha do revólver.

Segundo Ato

Depois que a mulher termina de "pichar o Boca de Ouro", seu Agenor, o marido de D. Guigui decide sair do quarto. Ele explica que D. Guigui era casada com ele quando chegou o Boca de Ouro e tomou-llhe a mulher que o largou junto com os três. Um ano depois, o Boca mandou-a embora. Agenor está certo, agora, que, quando sair a reportagem, ele é todos da casa serão mortos pelo Boca de Ouro.

Neste momento, Caveirinha o tranquiliza revelando finalmente que o Boca de Ouro foi assassinado. Todos ficam surpresos. Agenor pula de alegria mas D. Guigui desespera-se e chora:

— Mataram o meu boquinha! O meu boquinha!

Agenor já perdeu totalmente o medo:

— Pode pôr no seu jornal, por minha conta, que o "Boca de Ouro" era um cachorro! Nunca foi homem!

Com isto, D. Guigui revolta-se:

— Quem é que não era homem? — e apontando o dedo na cara do marido — Tu é que não é homem!

D. Guigui pede então ao repórter que ele não publique nada do que ela dissera. Implora e oferece dinheiro. Mas então, decide contar a história novamente, desta vez dizendo toda a verdade.

A cena volta ao passado. Vê-se Boca conversando com um negro humilde que pede dinheiro para enterrar a mãe. A cena termina com Boca entregando uma cédula de quinhentos cruzeiros para ele.

Em nova cena, aparecem Leleco e Celeste. Leleco está desconfiado da mulher. Ele chegou mais cedo em casa e ela não estava. Diz que foi ao dentista mas ele desconfia que ela estava com um amante em Copacabana. Aproveita e informa também que a mãe, que estava doente, finalmente morreu. Leleco não deixa a mulher chorar. Quer saber onde está o dinheiro que ela consegue do amante. Finalmente ela confessa, mas também diz que não há dinheiro e também que eles brigaram e se separaram. Mas eles precisam de dinheiro e ele propõe que ela passe em Boca de Ouro para conseguir algum dinheiro, pois o contaram que:

— Quando tu passas, ele mexe contigo, dá piadas!

Celeste não quer ir, mas Leleco a ameaça com um revólver. Celeste vai e aparece alegre na casa de Boca de Ouro. Ele a trata bem como se conhecesse há muito tempo e com cortesia. Ela elogia Boca, seus crimes e confessa sua admiração por ele. O papo é interrompido com a entrada de três grãs-finas que querem pedir ajuda para uma entidade beneficente. Mas o que elas têm, na verdade, é admiração pelo Boca de Ouro. Elogiam-no. Tudo ia bem até que uma delas menciona o episódio da pia de gafieira. Boca se transforma e torna-se irônico. Em vez de doar dinheiro vai buscar um colar de pérolas para dar de presente à grã-fina que tiver o seio mais bonito. Elas hesitam, a princípio, mas depois, uma por uma, mostram-lhe o seio. Para cada uma, com intenção real de humilhar, ele faz uma cara feia. Celeste se apresenta mas ele não quer que ela mostre o seio:

— Mulher que mostra os peitos não tem vergonha! Você não! Minha vidinha, você não pode!

Ele olha para as mulhers, depois par Celeste e põe o colar no pescoço dela. As grã-finas se irritam. Boca as ofende. Celeste ganha moral e bota as grã-finas para correr:

— Agora desinfeta! Rua! Rua! Suas galinhas!

Celeste passa a considerar que ela pertence a Boca e que tudo o que é de Boca é dela. Boca incentiva suas fantasias. Ela diz que não quer mais voltar para o marido. Neste momento, Leleco aparece chamando por Celeste. Boca o convida para entrar. Chama Celeste que é hora de ir para o enterro da mãe. Ela diz que não vai. Ele implora. Diz que veio perdoá-la. Celeste chama Boca e passa a humilhar Leleco. Leleco insiste e Boca irrita-se

— Mas ó batuta! Não está vendo que ela não quer? Você já está chato!

Leleco insiste:

— Mas é minha mulher!

E Boca:

— Você é mulher dele?

— Não! — responde Celeste — Sou mulher do Boca de Ouro.

Com isto, Leleco puxa um revólver e aponta para Boca. Boca está armado com um punhal. Boca está tranquilo. Diz que não morre enquanto o seu caixão de ouro não estiver pronto. Leleco não atira, mas repete:

— Pois eu te mato.

Celeste apanha o punhal e crava-o nas costas do marido, que morre.

Terceiro Ato

Volta à cena da casa de D. Guigui. Seu Agenor está de malas prontas para ir embora. Ele sente-se humilhado pela mulher, que chama o Boca de Ouro de macho e ele de banana. D. Guigui diz que se ele vai embora, que leve as crianças. Caveirinha se desespera. Acha que foi a causa da separação do casal. Sente-se responsável e faz de tudo para que os dois se reconciliem. Conversa sério com os dois e praticamente força a reconciliação em uma cena cômica com várias fotos tiradas pelo fotógrafo. Ao final, Agenor e Guigui estão abraçados um com o outro, chorando, declarando amor um ao outro.

D. Guigui agora decide recontar a história de Boca de Ouro, Celeste e Leleco. Diz que Boca de Ouro também era covarde.

— Por que é que o Boca nunca se meteu com o meu velho? Sabia que o Agenor é fogo! Agenor metia-lhe a mão na cara!

E volta a contar a história de Celeste e Leleco. Agora Leleco está ameaçando Celeste com um revólver. Quer que ela confesse que tem um amante. Leleco vira os dois num taxi quando passava de lotação. Finalmente ela confessa quem é o amante: o Boca de Ouro. Leleco fica fascinado.

Ele diz que vai matar Celeste, mas ela tem uma chance. Se o bilhete de loteria que ele comprou estiver premiado, ele parte a cara dela e vai embora. Se ele perder, ele a mata. Ele pergunta porque ela o traiu, e ela começa a contar que estudou numa escola de grã-finas e que havia uma menina na escola que a humilhava... Mas ela não termina a história. Leleco não deixa. Pouco depois batem na porta. Leleco vai atender e quando volta, informa a mulher: perdi! Vou matá-la. Ela implora pela vida. Depois diz:

— Eu pago o milhar!

— Você?

— Eu não. O Boca de Ouro paga a mim!

A cena agora está na casa de Boca de Ouro e D. Guigui que informa ao boca que Celeste telefonara. Guigui revela seu ciúme de uma certa grã-fina que tem visitado o Boca.

Celeste entra e explica a Boca que o marido já sabe que eles são amantes. Ela também demonstra ciúmes da tal grã-fina. Ele assegura que não é nada, que ela vai entrar para uma ordem onde se raspa a cabeça. Pouco depois, Leleco aparece ameaçador:

— Como vai teu caixão, Boca?

E conta que ouviu dizer que boca derretia as alianças das mulheres casadas para fazer um caixão. Conta o episódio do taxi onde o viu com Celeste como se fosse a mulher de um conhecido, e depois diz que jogou no milhar. Diz que ganhou. Boca quer ver o jogo.

— Pois é. Não deu — diz.

Leleco puxa o revólver e exige que Boca diga que deu sim! Boca concorda com ele. Pergunta quanto é? São seiscentos contos. Boca propõe dar cinquenta mas Leleco não aceita. Nesta hora, Celeste aparece e grita:

— Leleco!

Neste momento, ele se distrai. Boca de Ouro toma-lhe o revólver e o derruba com uma coronhada. Propõe a Celeste ser assassino com ela e lhe entrega um punhal. Hesitante a princípio, ela enterra o punhal várias vezes no corpo do marido. Eles escondem o corpo atrás do móvel.

Ele quer agora que Celeste vá porque ele está esperando visita, mas ela recusa-se a sair. Pouco depois, aparece Maria Luísa, a grã-fina. Ela e Celeste se conhecem e se cumprimentam. Boca fica surpreso. Estudaram no mesmo colégio. A conversa entre as duas começa amigável mas depois as duas começam a discutir. Celeste acusa Maria Luísa de tê-la humilhada. Boca está impaciente. No auge da discussão (Maria Luísa sempre na defensiva), Celeste mostra o corpo do marido morto atrás do móvel. Ela diz que foi o Boca que matou. Depois ele diz:

— Celeste, é pena. Vou ter que executar alguém. Fecha tudo, Celeste.

Maria Luísa acusa Boca de ter mentido. Boca age como se fosse matar Maria Luísa. Celeste incentiva. Pede que ela beije o seu assassino na boca. Ela beija. Celeste berra!

— Cínica! Cínica! Antes de morrer escuta: eu não ando mais de lotação! Nuca mais!

Mas Boca solta Maria Luísa e segura o pulso de Celeste e dá-lhe um golpe com a navalha.

Maria Luísa quer ir embora. Recusa-se a olhar para Boca de Ouro. Ele diz que mais tarde se livrará dos corpos numa mata da Tijuca. Maria Luísa grita, histérica:

— Assassino!

— Você me beijou — responde Boca.

— Assassino!

Boca de Ouro chateia-se. Diz a Maria Luísa que ele não se humilha para mulher nenhuma, e manda-a embora.

— Ali é a porta da rua. Sou assassino, e daí? Cai fora! Rua! Rua!

Volta à realidade. Caveirinha está no enterro do Bouca de Ouro. O locutor pergunta sobre o que ele acha do paradoxo cruel do crime. Caveirinha a princípio não entende. Depois o locutor explica: o cadáver está desdentado. Boca de Ouro levara 29 facadas. Pergunta o que ele acha da criminosa. Caveirinha surpreende-se ao saber que foi mulher.

— Mulher, sim, e olha: com um nome que é uma flor: Maria Luísa!